

Melinda Salisbury

Fantástica
ROCCO



A HERDEIRA DA MORTE

Melinda Salisbury

A HERDEIRA DA MORTE

TRADUÇÃO
Lucas Peterson

 **Fantástica**
ROCCO

Para minha avó, Florence May Kiernan

Capítulo 1



Ouço os gritos, mesmo quando não há prisioneiros. Eles vivem dentro de paredes como fantasmas, ecoando entre nossos passos, sob a caserna que abriga a Sala de Narração e o dormitório dos guardas. É nas profundezas do castelo que eles esperam pelos momentos de tranquilidade.

Quando me trouxeram aqui pela primeira vez, perguntei aos meus guardas o que eles faziam com os prisioneiros para que eles gritassem tanto. Um deles, chamado Dorin, me encarou e balançou a cabeça, pressionando com força os lábios que até empalideceram, enquanto acelerava o passo em direção à Sala de Narração. Lembro que, naquela época, fiquei eufórica de medo ao imaginar algo tão petrificante, tão horrível que até mesmo o meu guarda calmo e robusto não conseguia revelar em voz alta. Prometi a mim mesma que descobriria, que decifraria esse obscuro segredo oculto no subterrâneo. No meu décimo terceiro ano de colheita, eu era ingênua. Desesperada e cegamente ingênua.

Quando cheguei ao castelo, há muitas e muitas luas, fiquei impressionada com tudo: a decoração, a beleza e a riqueza que havia em todos os ambientes. Aqui não há juncos no chão nem palhas embebidas em lavanda nem manjerição exalando um perfume adocicado. A rainha exigiu carpetes, tapetes e passadeiras especialmente tecidos para os seus pés, o que abafa nossos passos enquanto caminhamos.

As paredes por trás das ricas tapeçarias vermelhas e azuis são feitas de cantaria cinza, salpicada de mica, que reluzem sempre que os criados retiram as peças para lavá-las. Os candelabros pontudos acima da minha cabeça são adornados com ouro; as almofadas são de franja e veludo, e substituídas imediatamente quando ficam puídas. Tudo é impecável e imaculado, tudo é mantido lindo e em ordem. Todas as rosas nos vasos altos de cristal são podadas no mesmo comprimento, têm cor idêntica e são arranjadas da mesma maneira. Neste castelo não há lugar para imperfeições.

Meus guardas me acompanham cuidadosamente ao meu lado, mantendo os corpos eretos e uma boa distância de mim. Se eu erguesse o braço para tentar alcançar um deles, ele recuaria aterrorizado. Se eu tropeçasse ou desmaiasse e um deles tentasse me ajudar, sabotado pelo próprio reflexo, estaria condenado à morte. Teria a cabeça decepada imediatamente, como um ato de misericórdia. Se comparado à morte lenta causada pelo contato com a minha pele venenosa, ser degolado era considerado sorte.

Tyrek não teve essa mesma sorte.

Na Sala de Narração, meus guardas se afastam e param diante da porta, e o boticário da rainha, Rulf, indica secamente com a cabeça o banco onde devo me sentar, antes de se virar de costas para mim e conferir seu equipamento. As paredes estão cobertas de prateleiras com potes

de substâncias turvas, pós estranhos e folhas sem classificação, todos amontoados numa desordem óbvia. Pelo que consigo ver sob a luz tênue das velas, nesta parte tão baixa do castelo onde não há janelas, nenhum dos potes está rotulado. De início, achei estranho que algo como a Narração fosse realizado aqui, escondido nas passagens labirínticas do subterrâneo, mas agora entendo. Caso eu falhasse... seria melhor que não fosse testemunhada pela corte, pelo reino. É melhor que acontecesse nesta pequena sala secreta, entre o submundo das masmorras e o relativo paraíso do Salão Nobre.

Enquanto arrumo minha saia ao redor do banco, um dos meus guardas, o mais jovem, arrasta o pé no chão. O som ressoa alto demais na câmara de pedra. Rulf se vira para ele, encarando-o com severidade, e, ao desviar os olhos, nós nos entreolhamos. Seu olhar é vazio, seu rosto parece uma máscara, e suspeito que, mesmo que não fosse mudo, não diria nada para mim agora.

Outrora, ele teria sorrido e balançado a cabeça, ao mesmo tempo que Tyrek estaria me contando sobre as árvores que escalara e os pastéis que surrupiara da cozinha. Rulf teria acenado para Tyrek, para que parasse de se exibir, enquanto o afeto que sentia por seu único filho reluziria em seus olhos. Embora a Narração dure apenas alguns instantes, eu costumava passar uma hora aqui embaixo, às vezes duas, sentada diante de Tyrek, a dois braços de distância, sempre que contávamos nossas histórias. Meus guardas ficavam por perto, mantendo um olhar curioso sobre Rulf, ocupado com seus experimentos, e outro voltado para Tyrek e eu conversando. Naquela época, eu não precisava estar em lugar algum depois da Narração, a não ser no meu templo ou no meu quarto, e nada me impedia de passar na Sala de Narração essas horas que me eram roubadas, sob o olhar atento dos meus guardas. Mas a situação é diferente agora. Hoje em dia, outras coisas tomam meu tempo.

Permaneço com os olhos abaixados no momento em que Rulf realiza a Narração, cortando meu braço e recolhendo algumas gotas de sangue

em uma vasilha. Depois, ele leva a coleta até o outro lado da sala. Ele vai adicionar apenas uma gota do meu sangue à Praga-da-manhã, um veneno letal, sem qualquer antídoto terreno, antes de me trazer a mistura. Espero em silêncio, com a cabeça baixa, enquanto ele junta o sangue e o veneno, decantando-os em um frasco. Continuo imóvel. Ele se aproxima e deixa o frasco sobre o meu colo. Eu ergo o pote com o líquido oleoso e cristalino sob a luz das velas, e não há qualquer sinal de que meu sangue tenha sido misturado ali. Removo a tampa e bebo.

Todos nós fazemos uma pausa, observando e esperando para ver se, desta vez, o veneno me levará embora. E não leva. Cumpro meu papel com perfeição. Coloco o frasco sobre a mesa ao lado do banco, ajeito a saia e olho para o meu guarda.

– Está pronta, milady? – pergunta Dorin, o guarda mais velho, com o rosto sinistramente pálido sob a luz da tocha.

A Narração está encerrada, mas preciso cumprir mais uma tarefa. Sinto o olhar melancólico de Rulf nas minhas costas enquanto eu saio da Sala de Narração.

Aceno com a cabeça e caminhamos até a escadaria, com Dorin à minha direita e o outro guarda, Rivak, à minha esquerda. Descemos até as masmorras, onde os prisioneiros esperam... Eles esperam por mim.

Ao chegarmos diante da Sala Matinal, surpreendemos os criados que removiam as sobras da última refeição dos prisioneiros. Eles se espremem contra a parede quando me veem, com as cabeças baixas e as juntas dos dedos esbranquiçadas, agarrando os pratos e cálices sujos, enquanto passam por mim, apressados. Dorin acena com a cabeça para Rivak e ele entra na pequena câmara. Um instante depois, reaparece na porta e balança a cabeça, liberando nossa entrada.

Dois homens estão sentados atrás de uma pequena mesa de madeira, cobertos do pescoço ao tornozelo com túnicas pretas de manga comprida e os braços atados às cadeiras. Eles erguem lentamente os

olhos e encontram os meus. Meus guardas assumem suas posições nas laterais da porta, com as espadas desembainhadas, embora eu esteja tão segura aqui quanto em qualquer outro lugar, mesmo na presença de criminosos, traidores da coroa e do reino.

– Como Daunen Encarnada, ofereço-lhes minha bênção. – Tento soar majestosa e forte, justa, apesar de sentir meu estômago embrulhado. – Seus pecados não serão Devorados quando vocês se forem, mas posso oferecer-lhes a bênção dos Deuses. Eles os perdoarão com o tempo.

Nenhum dos dois homens parece grato pelas minhas palavras, mas não posso culpá-los: são palavras vazias, e todos sabemos disso. Sem serem Devorados, eles estão amaldiçoados, mesmo com a minha bênção. aguardo uns instantes para o caso de resolverem falar algo. Outros já me amaldiçoaram, ou imploraram pela minha intervenção, por clemência. Alguns imploraram para que eu permitisse que morressem pela espada ou pela corda (uma alma desesperada até pediu pelos cachorros), mas estes homens não falam nada, apenas me encaram com olhos insípidos. Um deles está com um tique sobre o olho esquerdo, o que faz sua sobrancelha tremer, mas é o único sinal de que um dos dois se importa com a minha presença.

Como não falam nada, não fazem nada, eu curvo a cabeça e agradeço aos Deuses por me abençoarem, depois assumo minha posição atrás dos condenados, parada entre eles. Estendo os braços, pouso a face anterior das minhas mãos sobre as nuças deles e dobro meus dedos para agarrá-las, à procura do espaço oco da garganta, onde consigo sentir o sangue pulsar nas veias sob a pele. Os batimentos cardíacos dos dois estão quase sincronizados. Eu fecho os olhos e espero. Quando seus pulsos começam a acelerar, em perfeita harmonia, eu me afasto, escondendo as mãos sob as mangas da minha roupa, desejando lavá-las imediatamente.

Não demora muito.

Logo depois de tocá-los, os dois homens desabam sobre a mesa, com sangue escorrendo do nariz e formando poças na madeira, já manchada. Observo um curso vermelho e fino escorrer pela beirada da mesa, pingando nos parafusos que prendem as cadeiras ao chão. Se não fosse por esses parafusos e pelas cordas que seguram as pernas dos mortos às cadeiras, os corpos deles estariam caídos aos meus pés. Praga-da-manhã é um veneno violento. O homem dos espasmos na sobancelha está com os olhos abertos, fixos em mim, e, quando os meus começam a arder, percebo que o estou encarando de volta. Não importa quantos homens, mulheres e crianças eu executo, ainda fico arrasada. Mas isso não me surpreende, porque toda vez que realizo uma execução, é como se estivesse matando Tyrek de novo.

Tyrek era meu único amigo, uma das duas pessoas no castelo que sempre ficavam felizes em me ver. Por causa da minha posição na corte, nunca podíamos estar na companhia um do outro fora do curto período que eu passava na Sala de Narração. Mas lá nos encontrávamos, onde podíamos conversar sobre tudo o que tínhamos visto e, no caso dele, feito. Eu nunca conhecera alguém como ele: destemido e teimoso. Naquela época, os dias entre cada Narração duravam uma eternidade. Arrastavam-se até, finalmente, meus guardas me escoltarem de volta ao subterrâneo. E lá estava ele, esperando na porta, sorrindo para mim e afastando o cabelo louro do rosto com impaciência.

– Finalmente – dizia ele. – Vamos logo. Preciso lhe mostrar algo.

Ele queria ser um dos meus guardas quando atingisse idade suficiente, e adorava desafiar os outros para lutas, apesar de só poder usar a espada de treinamento de madeira ao enfrentar os guardas com suas espadas de aço. Eu me sentava no meu banco, rindo das travessuras, enquanto o pai dele colhia meu sangue para a Narração.

– E agora, a investida. – Ele tentara golpear Dorin com a espada, mas o guarda se defendera com facilidade. – É óbvio que eu não estava tentando machucá-lo.

– Óbvio – concordou Dorin, e eu ri.

– Depois curva e investida, e curva mais uma vez, e depois... Rá! – gritou ele quando conseguiu espetar o braço de Dorin.

Bati palmas, e meu guarda estendeu a espada.

– Eu me rendo – disse ele.

– Viu, milady? – perguntou Tyrek, olhando para mim. – Vou conseguir protegê-la.

No dia em que meu mundo desabou, ele não pediu para que eu me apressasse, nem me contou como andava treinando pesado. Nem sequer olhou para mim. Pela primeira vez durante minhas duas colheitas no castelo, Tyrek não sorriu para mim, apenas fez uma reverência. Eu deveria ter percebido no mesmo instante que o perigo era iminente, mas não me dei conta. Pensei que tudo não passasse de um novo jogo, que estávamos brincando de cavalheirismo. Respondi com uma reverência, agindo como uma dama, animada de tal maneira que seria incapaz de explicar. Até o silêncio de Rulf parecia diferente. Ele afastou Tyrek de mim antes de recolher meu sangue, depois entregou a vasilha para o filho, para que ele a levasse até a mesa de Narração.

Quando a porta se abriu repentinamente e a Guarda da Rainha entrou apressada, meu primeiro pensamento foi o de que estávamos sofrendo um ataque, então ergui as mãos para me defender. Mas algo mudou quando os guardas passaram correndo por mim. Eu me virei no banco a tempo de vê-los deterem Tyrek, que estava pálido de medo. Ao seu lado, seu pai permanecia imóvel.

– O que significa isto? – gritei, mas os soldados me ignoraram, arrastando meu amigo até a porta.

Disparei entre os guardas. Minha presença bastou para fazê-los parar.

– Soltem-no e expliquem o que está acontecendo! – exigi, mas eles balançaram a cabeça.

– A rainha ordenou que ele fosse preso – disse um deles.

Soltei uma risada. A possibilidade de Tyrek ter feito algo errado não fazia sentido, era absurda demais.

– Sob qual acusação?

– Traição.

Ouvi o som de alguém engasgando atrás deles e fui involuntariamente até Rulf, que agarrava o próprio peito, apoiando-se no balcão de madeira com a outra mão. Quando me virei outra vez, os soldados tinham voltado a andar, carregando Tyrek entre eles, como se fosse um boneco de palha, com a cabeça balançando de um lado para outro.

Tentei segui-los, mas Dorin bloqueou meu caminho já na porta, estendendo sua espada.

– Milady – disse ele, lançando um olhar de advertência, o que me fez parar.

– Leve-me até a rainha – ordenei, e ele assentiu.

Mas não foi necessário, porque, assim que deixamos a Sala de Narração, ela apareceu no corredor, sozinha, como se meu pedido a houvesse convocado. Seu rosto, sobre o vestido de seda branca e dourada, estava beatífico e ordenado. Parecia uma noiva da Chama de Maio, inocente e angelical, e fiquei aliviada em vê-la. Com certeza ela havia percebido que tudo aquilo não passava de um equívoco, e viera se desculpar com Tyrek pessoalmente.

Quando abri a boca para agradecê-la por ter vindo, ela ergueu bruscamente a mão. Seu movimento cortou o ar e me silenciou.

– Siga-me – disse, passando apressada por nós, e fomos obrigados a fazer isso, correndo para alcançá-la. Assim que chegamos ao final da escada, ela parou de repente e eu quase esbarrei nela. Ouvei o arquejo ríspido do meu guarda, atrás de mim, ao parar repentinamente também.

– Deixem-nos a sós – determinou ela aos meus guardas, que imediatamente se viraram e bateram em retirada, subindo os degraus que havíamos acabado de descer.

Olhei para ela, esperando, com um arrepio subindo pela coluna, alertando-me do perigo.

– Durante duas colheitas, escondi parte da sua função, Twylla. Queria ter certeza de que você compreendia a dádiva que lhe foi concedida e de que conseguiria suportar seu fardo. – Ela fez uma pausa, se fixando nos meus olhos antes de prosseguir. – Porque essa dádiva tem um custo. Um preço, por assim dizer, do que significa ser especial, ser escolhida. Mas você está se tornando rapidamente uma mulher, e não posso mais protegê-la disso. Você realmente precisa agir como a Daunen Encarnada agora.

Mantive os olhos fixos nela, sem entender o que ela queria dizer com custos e preços. Eu bebia o veneno como ela havia pedido e fazia todos os seus desejos. O que mais queria?

– O menino na sala no final deste corredor cometeu traição – afirmou ela, erguendo a mão para me impedir de interrompê-la. – Sei que você não vai querer acreditar, mas confie em mim quando digo que investiguei minuciosamente, e não tenho nenhuma dúvida. Além disso, você participou de tudo.

Ela permitiu que eu absorvesse suas palavras.

– Ele investigou você para descobrir seus segredos, nossos segredos, cortejou sua amizade, enquanto contava suas palavras aos nossos inimigos.

– Ele não faria isso! Não é possível! Não contei nada para ele... Não sei nenhum segredo.

– Você foi o disfarce e a informante dele, Twylla. Felizmente, tem razão: você não sabe muita coisa importante. Mas é verdade que contou a ele coisas sobre sua vida e suas funções aqui, sobre rituais secretos e sagrados, o que nos deixa muito preocupados. Então você deve ser a responsável por oferecer a ele a punição. Ser a Daunen Encarnada significa mais do que cantar, mais do que rezar. Para provar seu potencial, você precisa fazer mais do que apenas beber a Praga-da-manhã. Tanto o veneno quanto você servem a outro propósito.

Eu a encarei, tentando entender. O que mais poderia ser? Que tipo de punição eu poderia fornecer?

De repente, tomada por um terror claro e límpido, percebi que ela queria que eu encostasse no meu amigo.

Desde que chegara ao castelo, eu bebia a Praga-da-manhã uma vez a cada lua de forma que pudesse provar para o reino que eu era a Daunen Encarnada, que era realmente a escolhida dos Deuses. Era a combinação do meu sangue com o ato de beber o veneno e sobreviver que de fato provava que eu era divina, muito além de uma garota.

Pensei que o preço pago pela minha vida nova no castelo fosse nunca mais poder encostar em ninguém, porque o veneno que eu bebia voluntariamente permanecia na minha pele e mataria qualquer pessoa que entrasse em contato comigo, exceto os abençoados pelo direito divino: a rainha, o rei e o príncipe. Não poder tocar nem ser tocada não parecia um preço tão terrível assim. Afinal, eu deixara para trás a única pessoa que já demonstrara amor e afeto por mim. Mas a verdade é que esse não era o verdadeiro preço.

O preço era que eu encostaria *de fato* nas pessoas, e faria isso de propósito. Tocaria nos outros sob ordens, sabendo muito bem que mataria. Não existe antídoto para a Praga-da-manhã, e o menor contato com a minha pele é capaz de matar um homem adulto em segundos. Essa era a dimensão do meu papel ali, e o preço que eu deveria pagar por ser favorecida pelos Deuses era me tornar uma carrasca. Uma assassina. Uma arma.

– Não posso – falei, por fim.

– Mas é o que deve fazer, Twylla. Porque não posso garantir sua imunidade ao veneno que corre nas suas veias caso você negue sua obrigação aos Deuses. É a vontade deles que a mantém imune. É vontade dos Deuses que você faça isso por eles.

– Mas com certeza eles...

– Basta, Twylla! – interrompeu a rainha, rispidamente. – É isso que significa ser a Daunen. Toda encarnação de Daunen até hoje represen-

tou tanto a esperança quanto a justiça. Você está aqui para mostrar ao reino que vivemos uma era abençoada. E também está aqui para aniquilar aqueles que pretendem nos machucar. Você cumprirá a sua obrigação. Não quer provocar a ira dos Deuses, quer?

– Não.

A rainha assentiu.

– Sua dedicação é admirável, Twylla.

– Não, o que quero dizer é que não posso. – Eu me ouvi dizer. – Não posso matar uma pessoa.

– Como assim?

– Acho que não posso ser a Daunen Encarnada, se é isso que significa. Não sou a pessoa certa para isso.

A rainha riu, um som frágil e irônico.

– Você acha que os Deuses fizeram a escolha errada? Acredita que é um erro ter sobrevivido à Praga-da-manhã durante a Narração? E quanto à sua família, sua irmãzinha? Você pretende mesmo sacrificar a comida e as moedas que envio para eles porque não gosta do caminho que os Deuses traçaram para você? – Ela balançou a cabeça, olhando para mim. – Sabe que não pode voltar atrás – acrescentou ela, baixinho. – Os Deuses nunca permitiriam isso. Você foi dada a mim e a Lormere por eles, e eu aceitei. Você chegou aqui sem qualquer dote, sem qualquer oportunidade de aliança que pudéssemos fazer. Mesmo assim, a aceitei, porque foi para isso que você nasceu, Twylla. Nós obedecemos aos Deuses. Assim como você deve fazer.

– Mas...

Os olhos dela roubaram minhas palavras.

– Vou esquecer que você tentou questionar minhas ordens – murmurou ela. – Vou esquecer que você desdenhou da minha generosidade e do meu apoio. Vou esquecer que foi ingrata. Serei misericordiosa. Reze para que os Deuses também sejam.

*

Fiz o que ela mandou. Entrei na sala pouco mobiliada, onde meu amigo estava amarrado a uma cadeira, com a boca cruelmente amordaçada por um tecido escuro enfiado em suas bochechas, e com lágrimas escorrendo dos olhos. Os pulsos já estavam vermelhos por causa do esforço para se livrar das cordas que o prendiam. Ele havia se molhado. Na parte da frente da sua calça havia manchas escuras de urina, e isso me fez corar, envergonhada por ele. Ao me aproximar, ele balançou violentamente a cabeça de um lado para outro. Tyrek tinha quinze anos, assim como eu. A rainha ficou parada na porta e me observou colocar as mãos no pescoço dele, a única pele exposta que eu conseguia ver. Quando nada aconteceu, achei que os Deuses tinham intervindo, provando a inocência dele. Mas, de repente, meu amigo estremeceu, teve uma convulsão e um espasmo. Afastei as mãos, porém já era tarde demais. O sangue escorreu do seu nariz e da sua boca, e ele morreu diante dos meus olhos. Levou menos de um minuto para que meu toque o matasse.

Eu ainda o encarava com olhos arregalados e perdidos, quando a rainha pigarreou e disse:

– Era você quem deveria ter feito isso. Para entender o que significa ser a escolhida. Já não pode mais voltar atrás. Este é o seu destino.

Duas colheitas se passaram desde que executei meu melhor amigo. Vinte e quatro Narrações. Vinte e quatro vezes em que fui obrigada a entrar na sala de onde Tyrek foi arrastado e tomar o veneno que permitiu que meu toque o matasse. Durante vinte e quatro luas, matei treze traidores, incluindo os homens que executei hoje e Tyrek. Por Lormere. Por meu povo. Por meus Deuses.

Porque sou a Daunen Encarnada, a filha renascida dos Deuses. O mundo sempre foi regido por dois Deuses: Dæg, Senhor do Sol, que reina durante o dia, e sua mulher, Næht, Imperadora da Escuridão, que comanda as noites. E, certa vez, inúmeros milênios atrás, quando Lormere não passava de alguns povoados guerreando entre si, a ávida

Næht decidiu que reger a noite já não era mais o bastante para ela. Então bolou um plano e seduziu o marido, levando-o a exaustão tão intensa que ele não conseguiu mais se erguer. Dessa forma, ela dominou os céus e passou a reinar sozinha, mergulhando o mundo inteiro na escuridão. Nada vivia, nada prosperava e a morte estava por toda parte sem o Senhor do Sol para iluminar o mundo e oferecer calor e alegria às pessoas.

Mas, ao seduzir Dæg, Næht concebeu uma filha: Daunen. E durante seu nascimento, Daunen surgiu no mundo cantando uma música que acordou Dæg do seu sono profundo, e assim ele retomou seu lugar no céu. O retorno de Dæg trouxe luz e vida de volta a Lormere, e, para expressar sua gratidão, ele jurou que, sempre que Lormere mais precisasse, ele traria de volta ao mundo o espírito da sua filha, como um símbolo de esperança. Eles a reconheceriam pelo cabelo vermelho, da cor do nascer do sol, e por sua voz, que era tão linda a ponto de despertar um Deus. Quando retornasse, a chamariam de Daunen Encarnada, e ela seria uma bênção para a Terra.

Daunen, no entanto, era filha de dois Deuses, da luz e da escuridão, da vida e da morte. Quando Dæg jurou que sua filha voltaria ao mundo, Næht insistiu que a Daunen Encarnada também a representasse. Por isso, Daunen existe como o equilíbrio entre Deus e Deusa. Em nome da sua mãe, precisa ser a morte, e, em nome do pai, é a vida. A cada lua, a Daunen Encarnada precisa provar que é a escolhida ao beber a Praga-da-manhã e sobreviver. E também deve manter o veneno na pele, para que seu toque mate os traidores, assim como o toque da sua mãe.

Um dos dois guardas que estavam comigo no dia em que a rainha me obrigou a matar Tyrek decidiu deixar seu cargo quase imediatamente. Mas, antes de fazê-lo, ele me contou por que os prisioneiros gritavam tão alto. Ele esperou até Dorin sair para buscar meu jantar, depois se inclinou na minha direção, chegando o mais perto que se atrevia, com um sorriso malicioso.

– Quer saber por que eles gritam? – Mas não esperou minha resposta. – Os guardas da rainha os cortam. Pegam a faca mais cega que encontram e cortam a parte do corpo do prisioneiro que mais lhe agrada. – Ele abriu outro sorriso. – Depois, derramam conhaque em cima dos cortes, que começam a arder. Pelos Deuses, como arde. O conhaque queima, garotinha. É como fogo líquido descendo pela garganta. Em um corte, um corte profundo e feio, o conhaque é mais quente do que o próprio Dæg. Não é agradável. Nada agradável. Às vezes, com os prisioneiros mais problemáticos, repetem o processo.

Ele fez uma pausa, lambendo os lábios ao olhar meu rosto, percebendo como suas palavras me abalaram.

– Mas não é por isso que eles gritam, é por sua causa. Porque toda a dor das torturas não é nada se comparada ao que você fará. Então, me conte, garotinha, está entendendo por que eles gritam?

Nunca contei a ninguém o que ele me disse. Eu já presenciara mortes demais por minha causa. Às vezes, posso ser misericordiosa. Como a rainha.

Título original
THE SIN EATER'S DAUGHTER

Primeira publicação na Inglaterra em 2015 por
Scholastic Children's Books, um selo da Scholastic Ltd
Euston House, 24 Eversholt Street, Londres, NW1 1DB, UK

Copyright © Melinda Salisbury, 2015

O direito de Melinda Salisbury de ser
identificada como autora desta obra foi assegurado por ela.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra
pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou
meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema
de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e
incidentes são produtos da imaginação da autora ou foram usados
de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais,
vivas ou não, acontecimentos ou localidades é mera coincidência

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil



GERENTE EDITORIAL
Ana Martins Bergin

EDITORA
Lorena Piñeiro

EQUIPE EDITORIAL
Manon Bourgeade (arte)
Milena Vargas
Viviane Maurey

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO
Silvânia Rangel

REVISÃO
Armenio Dutra
Wendell Setubal

PREPARAÇÃO DE ORIGINALS
Nina Lopes

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Salisbury, Melinda
S16h A herdeira da morte / Melinda Salisbury; tradução de Lucas Peterson.
– Primeira edição. – Rio de Janeiro: Fantástica Rocco, 2016.
(A herdeira da morte; 1)
Tradução de: The sin eater's daughter
ISBN 978-85-68263-32-7
1. Ficção inglesa. I. Peterson, Lucas. II. Título. III. Série.
16-33125 CDD - 823 CDU - 813.111-3